

“Nem todo evangélico é conservador”: religião e política entre evangélicos de esquerda no Brasil

*“Not all evangelicals are conservative”:
religion and politics among left-wing evangelicals in Brazil*

Wallace Cabral Ribeiro^a 

Resumo O campo evangélico é um segmento religioso bastante heterogêneo. Não há um modo único de ser evangélico e de expressar essa fé. Dentro desse segmento, há disputas em dimensões políticas, teológicas e identitárias sobre o que é ser cristão, o que é ser evangélico e como eles e as igrejas devem se posicionar política e teologicamente frente aos dramas humanos. Este artigo tem por objetivo produzir uma análise sociológica sobre a articulação entre religião e política a partir da atuação de alguns agentes individuais e coletivos (lideranças, grupos e organizações) do protestantismo de esquerda. Entre os aspectos analisados, estão a singularidade das ações, os discursos, os conflitos, bem como algumas expressões simbólicas. Para alcançar os objetivos delimitados, realizou-se um levantamento bibliográfico e documental, entrevistas e visitas de campo em espaços político-religiosos.

Palavras-chave Religião e política. Conservadorismo. Nova direita. Protestantismo de esquerda. Espiritualidade engajada.

Abstract *The evangelical field is a very heterogeneous religious segment. There is no single way of being evangelical and expressing that faith. Within this segment, there are disputes in political, theological and identity dimensions about what it is to be a Christian, what it is to be an evangelical and how they and the church should position themselves politically and theologically in the face of human dramas. This article aims to produce a sociological analysis of the articulation between religion and politics based on the actions of some individual and collective agents (leaderships, groups and organizations) of left-wing Protestantism. Among the analyzed aspects are the uniqueness of actions, speeches, conflicts, as well as some symbolic expressions. To*

^a Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS-UFF), membro do Laboratório de Estudos Socioantropológicos em Política, Arte e Religião (LePar-UFF) e do Núcleo de Estudos Friedrich Engels (NEFE). Bolsista Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior.
Email para contato: cabralwallaceribeiro@yahoo.com.br

achieve the defined objectives, a bibliographical and documental survey was carried out, interviews and field visits in political-religious spaces.

Keywords *Religion and politics. Conservatism. New right. Left-wing Protestantism. Engaged spirituality.*

INTRODUÇÃO

O campo evangélico é um segmento religioso bastante heterogêneo e não há um modo único de ser evangélico e de expressar essa fé (VITAL DA CUNHA; LOPES; LUI, 2017). No interior desse segmento, há uma disputa entre os diversos atores em suas dimensões política, teológica e simbólica sobre o que é ser cristão, o que é ser evangélico e como estes e as igrejas devem se posicionar politicamente frente as dores e sofrimentos humanos. Este trabalho tem por objetivo analisar do ponto de vista sociológico a relação entre religião e política a partir da atuação de alguns agentes individuais e coletivos (lideranças, coletivos, grupos e organizações) do protestantismo de esquerda no Brasil atual. Me debruçarei sobre a singularidade das ações, os discursos, os conflitos, bem como alguns aspectos simbólicos envolvidos.

Este artigo é parte de uma pesquisa mais ampla que tem sido desenvolvida pelo autor em seu doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS-UFF) e também no âmbito de sua inserção no Laboratório de Estudos Socioantropológicos em Política, Arte e Religião (LePar-UFF). Por se tratar de uma pesquisa com propósitos mais amplos, mobilizou-se um conjunto variado de técnicas de pesquisa como forma de coletar informações acerca do objeto de estudo. As informações apresentadas neste artigo sobre os agentes e suas respectivas relações sociais foram obtidas por meio dessas ferramentas, a saber: levantamento bibliográfico e documental, entrevistas e visitas a espaços político-religiosos.

O levantamento bibliográfico foi realizado sobre material acadêmico (livros, artigos, resenhas, ensaios, teses, dissertações, TCCs) com abordagem histórica, sociológica e antropológica na interface entre religião e política, com ênfase em atores sociais situados no campo da esquerda política. No levantamento documental, priorizou-se material jornalístico, textos em redes sociais, material audiovisual em plataformas de vídeos na internet. Além disso, realizei atividades de campo, com visitas à Igreja Batista do Caminho, Nossa Igreja Brasileira, um evento político-religioso promovido pela Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito e pelo Movimento Negro Evangélico. Também cursei um minicurso sobre teologia negra. Entrevistei uma pastora pentecostal, dois membros de dois

coletivos evangélicos de esquerda na cidade de Rio Bonito-RJ e uma ex-batista. Particpei de um evento organizado pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER), que reuniu diversas lideranças cristãs (católicas e evangélicas). Acompanhei, na qualidade de observador, uma série de entrevistas com lideranças evangélicas no âmbito de uma pesquisa organizada pelo ISER, coordenada por Christina Vital da Cunha¹ e João Luiz Moura². Além disso, participei como ouvinte de um evento organizado pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), que reuniu algumas lideranças religiosas na cidade de Teresópolis (RJ), em agosto de 2022.

O que foi mencionado acima, não necessariamente entrou na escrita final deste artigo, mas foi de suma importância para me familiarizar com o universo do protestantismo de esquerda. Quero enfatizar que, apesar de o pastor Henrique Vieira ser mencionado com maior frequência do que outros agentes sociais (inclusive a frase que compõe o título desse artigo é de sua autoria), de modo algum ele se constitui como figura central.

Embora este artigo se debruce sobre o protestantismo de esquerda no Brasil atual, não tem como objetivo abordar as expressões individuais e coletivas desse segmento político religioso em sua totalidade. Além disso, há uma ênfase – mas não uma centralidade – sobre os agentes sociais situados no Estado do Rio de Janeiro, devido ao fato do autor desta pesquisa residir nessa unidade federativa, o que possibilita um maior contato presencial (ou físico) com os referidos agentes sociais.

Há poucas pesquisas acadêmicas que se debruçam sobre a relação entre religião e política no interior do protestantismo de esquerda. A maior parte das pesquisas acadêmicas que analisam os evangélicos procuram enfatizar a expansão do pentecostalismo ou sua relação com o conservadorismo. Embora a maior parte dos estudos acadêmicos demonstre uma relação de proximidade entre a direita política e o conservadorismo, não há uma relação de causa e efeito, pois nada é intrínseco ao fenômeno religioso (ENGELS, 2010). Por mais que o protestantismo de esquerda tenha sido, até o momento, uma experiência circunscrita a um número reduzido de pessoas, ela é significativa e, por isso, deve ser estudada de forma sistemática.

1 Professora da Universidade Federal Fluminense, coordenadora do Laboratório de Estudos Socioantropológicos em Política, Arte e Religião (LePar) e pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião (ISER).

2 Mestre em ciência da religião, teólogo, pedagogo, ex-pesquisador visitante do Instituto de Estudos da Religião (ISER), coordenador geral na Assessoria Especial de Educação e Cultura em Direitos Humanos.

O artigo se divide em dois tópicos, o primeiro aborda o crescimento dos evangélicos no Brasil e sua relação com a política institucional, e o aprofundamento na relação com o conservadorismo político. O segundo tópico aborda propriamente os evangélicos situados no campo da esquerda política, com levantamento de algumas lideranças, grupos e coletivos, bem como alguns de seus posicionamentos políticos e teológicos.

EVANGÉLICOS E A POLÍTICA

A expansão no número de brasileiros autodeclarados evangélicos³ no Brasil tem sido constatada nos últimos censos demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴. Em 1980, os evangélicos correspondiam a apenas 6,6% da população; em 1991, representavam 9%; em 2000, este número saltou para 15,4%; no último censo de 2010, os evangélicos representavam 22,2% da população brasileira. Desse percentual, 59,5% são de orientação pentecostal. Em pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha (2016), entre os que têm 16 anos ou mais, 29% são evangélicos. Pesquisa de 2020, do mesmo instituto, revela que 31% da população brasileira são de evangélicos. A última pesquisa, de 2022, revela que 26% dos entrevistados com mais de 16 anos de idade se autodeclararam evangélicos, um percentual um pouco menor que o da pesquisa anterior⁵. Esses dados nos auxiliam a indicar que o Brasil vive uma transição religiosa. Como revela a pesquisa do Instituto Datafolha (janeiro de 2020) sobre o perfil dos evangélicos, 44% dos evangélicos são ex-católicos.

De acordo com o levantamento realizado pelo Instituto Datafolha em 2016, o segmento que mais cresce no campo evangélico é o de orientação pentecostal. 34% dos evangélicos pertencem a Assembleia de Deus, 8% a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), 6% a Congregação Cristã no Brasil, 5% pertencem a Igreja Quadrangular, 3% a Deus é Amor, 2% a Igreja Internacional da Graça de Deus e 2% da Igreja Mundial do Poder de Deus. 60% dos autodeclarados evangélicos pertencem as denominações acima mencionadas. Batistas (11%), Adventistas (3%) e

3 O termo “evangélico”, que empregamos neste artigo, parte da concepção elaborada por Ricardo Mariano, que entende que “o termo evangélico, na América Latina, recobre o campo religioso formado pelas denominações cristãs nascidas na e descendentes da Reforma Protestante europeia do século XVI. Designa tanto as igrejas protestantes históricas (...) como as pentecostais” (2014:10). Utilizaremos o termo “protestante” quase como sinônimo de “evangélico”, conforme proposto por Zózimo Trabuco (2015).

4 Não apenas no Brasil, pois o crescimento evangélico – principalmente de orientação pentecostal – é um fenômeno mundial, sobretudo na América Latina (SCHÄFER; SEIBERT; SIMONCIC, 2020).

5 DATAFOLHA. Eleições 2022. Disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2022/06/29/rxe83287gruoeligiao-jun-22.pdf>>.

Presbiterianas (2%) juntas totalizam 16% dos evangélicos. 17% pertencem a outras denominações e 3% não pertencem a nenhuma denominação.

O crescimento evangélico também se expressa na política parlamentar. De acordo com a plataforma *Religião e Poder* (2020) do Instituto de Estudos da Religião (ISER), a Frente Parlamentar Evangélica (FPE) obteve, na validação de 2019, 203 assinaturas, sendo 195 de deputados federais e oito de senadores. Entre estes, 93 se autodeclararam evangélicos. Entre os 195 deputados federais signatários, 28 pertencem ao Partido Social Democrático (PSD), 27 são do Partido Social Liberal (PSL), 25 do Republicanos (antigo PRB), 15 do Partido Progressista (PP), 12 do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), 12 do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), 10 do Democratas (DEM) e 8 do Partido Social Cristão (PSC). Todos esses partidos pertencem ao campo da direita ou centro direita e contabilizam 137 deputados; além, claro, dos partidos desse espectro político de menor representatividade, como Cidadania (antigo PPS), Patriotas (antigo PEN), Podemos (Pode), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), entre outros. Apenas 14 dos signatários pertencem a partidos de esquerda ou centro esquerda, sendo 4 do Partido dos Trabalhadores (PT), 4 do Partido Democrático Trabalhista (PDT) e 6 do Partido Socialista Brasileiro (PSB).

Em levantamento realizado pelo site *Religião e Poder* (2020) sobre o pleito eleitoral de 2020, revelou-se que, dos 679 candidatos eleitos com nome religioso, 187 (27,5%) tinham o título de pastor(a) e 270 (39,7%) possuíam a palavra irmã(o) no nome de urna declarado. O uso desses vocábulos pode ser compreendido como um “capital simbólico”, conforme teorizado por Pierre Bourdieu (2013), uma vez que foram empregados com o objetivo de reforçar a ideia de pertencimento a um determinado segmento religioso, com vistas a obter reconhecimento, legitimidade e, ao mesmo tempo, se diferenciar dentro de um universo social. Os termos “pastor”, “pastora”, “irmão” e “irmã”, por exemplo, são “propriedades simbólicas adquiridas na relação com sujeitos que os percebem e apreciam” (BOURDIEU, 2013. p. 106). Trata-se de uma “possessão legítima fundada na natureza de seu possuidor” (*Op. cit.* p. 114) e que “só existe na relação entre as propriedades distintas e distintivas” (*Op. cit.* p. 111).

A pesquisa da plataforma *Religião e Poder* revela ainda que a maioria dos candidatos eleitos com nomes religiosos declarados estão filiados a partidos políticos da direita e centro-direita. O partido que mais elegeu candidatos nessa condição foi o PSD, com 72, seguido pelo PP (67), Republicanos (59), MDB (56), DEM (52), PSDB (45) e PL/PR (40). Esses sete partidos representam 57% dos candidatos eleitos com identidade religiosa explicitada no nome de urna. O levantamento

também revela que dos 12.759 candidatos com identidade religiosa declarada no nome de urna, 4.698 (36,8%) são pastores ou pastoras. Os dados apresentados até o momento nos permitem afirmar que a identidade evangélica foi constantemente acionada para fins políticos eleitorais, constituindo-se como um capital simbólico, como mencionado anteriormente. A maioria está mais próxima do espectro da direita política, pelo menos no que tange à política institucional.

O contexto político, econômico e cultural que se desenrolou durante a década de 2010 de múltiplas maneiras propiciou um aprofundamento nas interações entre religiosidade evangélica e liberalismo econômico (VITAL DA CUNHA, 2017), que, por sua vez, favoreceu a formação de indivíduos com perfil conservador, religioso e liberal. A expressão “liberal na economia, conservador nos costumes”⁶ seria uma das manifestações decorrentes da fusão entre essas configurações sociais, o cristianismo evangélico, o conservadorismo e o liberalismo econômico.

O conceito de “afinidade eletiva” (WEBER, 2004; LÖWY, 2011) é interessante para refletir sobre esse fenômeno de aproximação entre distintas configurações sociais. O conceito teria sido utilizado sociologicamente pela primeira vez por Max Weber para analisar a íntima relação entre ascetismo protestante e comportamento econômico. De acordo com Michael Löwy, a afinidade eletiva “é o processo pelo qual duas formas culturais [ou mais] – religiosas, intelectuais, políticas ou econômicas – entram, a partir de (...) afinidades de sentido, em relação de atração e influência recíprocas, seleção e reforço mútuos e convergência ativa” (2011, p. 142). A afinidade eletiva pode ser favorecida ou bloqueada de acordo com as circunstâncias materiais precisas, ou seja, a combinação particular de uma série de fatores em determinadas condições históricas (LÖWY, 2011).

Vale à pena mencionar que dentro desse contexto político, econômico e cultural, explicitado anteriormente, algumas pesquisas tem identificado a ascensão de “teologias do poder autoritário” (PY, 2020) entre cristãos conservadores, principalmente entre os evangélicos. Essas concepções teológicas e políticas guardam semelhanças com o fascismo. Parte delas se expressam por meio de uma linguagem violenta e discursos de ódio (homofobia, xenofobia, misoginia, racismo e intolerância religiosa) contra minorias sociais. Esse fenômeno de aproximação entre

6 Essa ideia caracterizou a campanha eleitoral do Pastor Everaldo em 2014. Em entrevista ao Portal de notícias *A Tarde*, Pastor Everaldo afirmou: “somos conservadores no sentido moral, dos costumes, da boa tradição brasileira e liberais no mercado”. Ver em: *A Tarde*, 31/07/2014. Disponível em: <<https://atarde.com.br/politica/pastor-diz-que-nao-quer-ser-candidato-socks-evangelicos-621497>>.

cristãos e conservadorismo autoritário, Fabio Py (2020) denomina de “cristofascismo”.

Os segmentos evangélicos mais conservadores passaram a pautar cada vez mais suas demandas no campo da moralidade (costumes e valores), se posicionando politicamente contra a união civil entre pessoas do mesmo sexo, em vigor desde 2013 no Brasil. Colocaram-se a favor da diminuição da maioria penal, contra a descriminalização das drogas e do aborto, contra a educação sexual nas escolas, contra as pautas dos movimentos feministas, entre outras. Christina Vital da Cunha (2019) afirma que a defesa dessas pautas está ligada a um “sentimento da perda” por parte dos atores sociais, que, por sua vez, mobilizam os “medos sociais”, como o fim da “família tradicional” e dos valores cristãos. A campanha de Jair Messias Bolsonaro no pleito presidencial de 2018, muita influenciada por setores conservadores do evangelicalismo, mobilizou de modo eficaz a retórica da perda, ao promover um discurso de resgate de algo que se perdeu ou que está em vias de se perder. Em entrevista à Patricia Fachin, do Instituto Humanitas Unisinos (2019), Christina Vital da Cunha afirma que a tática discursiva adotada representava “o retorno da ordem, da previsibilidade, da segurança, da unidade” e a “religião operou como uma rede institucional de apoio”⁷.

Lideranças e parlamentares evangélicos adotaram uma linguagem anticomunista, antiesquerda, antipetista, punitivista e antipluralista, articulando-as com teorias da conspiração em torno do “marxismo cultural”, da “ideologia de gênero” e da “cristofobia”⁸. Apresentavam como referência negativa países como Cuba, Venezuela e Coreia do Norte (República Popular Democrática da Coreia), que, de acordo com aqueles atores sociais, seriam a representação máxima do fracasso absoluto das esquerdas (MARIANO; GERARD, 2020).

Esse contexto favoreceu a ascensão de uma direita evangélica conservadora, que foi extremamente importante para a eleição de Jair Messias Bolsonaro à presidência da república em 2018. A pesquisa de intenção de votos, realizada pelo Instituto Datafolha e publicada em 25 de outubro de 2018, mostra que o voto dos evangélicos fez grande diferença nos resultados das eleições. Entre católicos, a

7 Disponível em: < <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/592934-apoio-evangelico-a-bolsonaro-e-marcado-por-uma-grande-volatilidade-entrevista-especial-com-christina-vital-da-cunha>>.

8 De acordo com o dicionário *Termos ambíguos do debate político atual*, organizado por Sonia Corrêa, essas terminologias de modo não linear compõem o campo semântico discursivo do conservadorismo brasileiro. São palavras ambíguas, simples e que “geralmente têm a função de categorias de acusação” (2022, p. 20).

disputa foi acirrada, já entre evangélicos, Bolsonaro teve uma larga vantagem: mais de 11 milhões de votos em relação ao seu adversário, Fernando Haddad.

Tabela 1. Fonte: Pesquisa do Instituto Datafolha publicada em 25 de outubro de 2018.

Religião	Votos de Bolsonaro	Votos de Haddad	Diferença
Católica	29.795.232	29.630.786	164.446
Evangélica	21.595.284	10.042.504	11.552.780
Afro-brasileiras	312.975	755.887	- 442.912
Espírita	1.721.363	1.457.783	263.580
Outra religião	709.410	345.549	363.862
Sem religião	3.286.239	4.157.381	- 871.142
Ateu e agnóstico	375.570	691.097	- 315.527
Total de votos	57.796.074	47.080.987	10.715.087

Tabela extraída de ALMEIDA, Ronaldo. 2020, p. 233. Disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2018/10/26/3416374d208f7def05d1476d05ede73e.pdf>>.

De acordo com Vital da Cunha (2020), Bolsonaro teria adotado a estratégia ADE — Aliado dos Evangélicos. Apesar do então candidato à presidência se apresentar como católico, acenava de modo sistemático para o público evangélico, comparecendo em eventos, cultos, e com aparições na presença de lideranças e parlamentares evangélicos. Nesse contexto, uma das ações mais importantes ocorreu em 2016, quando foi batizado por imersão pelo então presidente do Partido Social Cristão (PSC), pastor Everaldo, nas águas do Rio Jordão em Israel. Na ocasião, sites de notícias evangélicas, como Gospel Prime⁹, Guiame¹⁰ e Gospel +¹¹, repercutiram o acontecimento de forma positiva. Esse conjunto ações articuladas empreendidas por Bolsonaro era uma estratégia de aproximação do eleitorado evangélico, para assim obter apoio das duas maiores identidades religiosas do Brasil, católicos e evangélicos.

Todo esse cenário reforçou, entre diferentes agentes sociais do espectro da esquerda política, certas concepções que associam os evangélicos inerentemente ao conservadorismo político, teológico e econômico, ao fundamentalismo religioso e ao espectro da direita política. A atuação de parlamentares evangélicos, lideranças denominacionais, organizações religiosas, artistas e influenciadores digitais nos últimos anos ajudaram a reforçar essa perspectiva reducionista e essencialista. A título de exemplo, podemos mencionar os pastores e parlamentares Marco Feliciano

9 Ver em: <<https://www.gospelprime.com.br/jair-bolsonaro-batizado-rio-jordao/>>.

10 Ver em: <<https://guiame.com.br/gospel/videos/jair-bolsonaro-confessa-jesus-cristo-e-se-batiza-no-rio-jordao-assista.html>>.

11 Ver em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/bolsonaro-batizado-israel-durante-votacao-impeachment-82706.html>>.

e Magno Malta, os pastores Silas Malafaia e Augustus Nicodemus, os cantores Ana Paula e André Valadão e também as publicações do semanário editado e distribuído gratuitamente pela Igreja Universal do Reino de Deus, Folha Universal¹². Mas a desconfiança sobre as aspirações políticas dos evangélicos entre setores da esquerda não é recente, alguns estudos demonstram que isso ocorre há algumas décadas no Brasil (ROLIM, 1987, TRABUCO, 2015, CUNHA, 2017).

Diante desses e outros fatos, acredito que seja importante fazer uma observação metodológica entre fenômeno e “aparência do fenômeno”. De acordo com Karel Kosik (1976) a aparência é uma das “múltiplas determinações” do fenômeno social. Seria a forma como o fenômeno se apresenta, a sua exterioridade, aquilo que é mais evidente, a sua superficialidade, a intuitividade, a obviedade, a imediatividade, ou como algo dado, pronto, acabado e imutável, em outras palavras, a “pseudoconcreticidade”. Kosik propõe que o pesquisador, em sua produção do conhecimento, deve ir além das “aparências do fenômeno”, pois o fenômeno é muito mais do que aquilo que percebemos na imediatividade do cotidiano ou nas nossas impressões. Outros autores também apresentam reflexões que convergem com essa perspectiva metodológica. O fazer sociológico, de acordo com Zygmunt Bauman e Tim May (2010), se diferencia do senso comum exatamente por este último ser um tipo de conhecimento que é dado pela força da rotina e do cotidiano; a sociologia, por sua vez, “desfamiliariza o familiar”, rompe com o cotidiano. Peter Berger afirma que, no fazer sociológico, é preciso ir “além das fachadas das estruturas sociais” (1989, p. 41).

Os estereótipos e a visão reducionista dentro das esquerdas sobre o que é ser evangélico e como este campo religioso se posiciona politicamente está atrelada diretamente a uma certa concepção difundida por teóricos marxistas que pressupõe que a religião seria “ópio do povo”, fonte de enganação, de alienação e reflexo invertido da realidade. Sendo assim, o religioso seria sempre conservador ou reacionário. No entanto, ao verificar os estudos de Friedrich Engels sobre o tema, nos deparamos com análises em que o autor se debruça sobre experiências sociorreligiosas contestadoras da ordem social, inclusive, movimentos religiosos vinculados a uma concepção de transformação da sociedade numa chave revolucionária. Esse é o caso dos anabatistas na Alemanha, no século XVI, e o cristianismo dos primeiros cristãos, nos séculos I e II. Mas é preciso mencionar

12 A Folha Universal de forma sistemática trabalha com a ideia de incompatibilidade/oposição entre cristianismo e esquerda política. Ver: Folha Universal, “5 motivos que mostram que é impossível ser cristão e ser de esquerda” (23/01/2022). Disponível em: <<https://www.universal.org/noticias/post/5-motivos-que-mostram-que-e-impossivel-ser-cristao-e-ser-de-esquerda/>>.

que essas reflexões de Engels são pouco conhecidas, inclusive dentro do próprio marxismo (SILVA, 2007).

O cientista social de orientação marxista, Michael Löwy (2016) chama atenção para o fato de que o texto de Marx, que possui a expressão “ópio do povo”¹³, trata-se de um escrito pré-marxista e a ideia de religião como narcótico não foi elaborado originalmente por Marx, outros pensadores anteriores a ele já haviam registrado ideias semelhantes, como Immanuel Kant, Moses Hess, Heinrich Heine, Bruno Bauer e Ludwig Feuerbach.

Friedrich Engels (2010) enriquece o debate sobre religião ao entender que essa dimensão da vida social não é aparelhada com atributos intrínsecos a ela. Não é um fenômeno supratemporal, a-espacial e com um significado universal, as especificidades de sua configuração está relacionada diretamente a fatores históricos, estruturais, conjunturais e situacionais. Nesse sentido, a religião pode assumir múltiplas feições, podendo ser conservadora, reacionária, moderada, progressista, “isenta”, reformista, contestadora, “indefinida” e, em alguns casos, revolucionária. Essas reflexões de Engels contrariavam certas correntes filosóficas que tinham uma percepção idealista (essencialista) da religião, influenciadas, sobretudo, pelas obras *A Essência do Cristianismo* (1841) e *A Essência da Religião* (1846) de Ludwig Feuerbach.

As reflexões de Engels nos fornecem algumas ferramentas analíticas para pensar a questão do fenômeno evangélico na atualidade, pois não se pode compreender esse campo religioso como um bloco homogêneo, que se reduz a algumas características consideradas inerentes a ela. Como já foi mencionado, “não há um modo único de ser evangélico, de experimentar essa fé” (VITAL DA CUNHA, 2015, p. 411). Este campo religioso é bastante diversificado em suas formas de atuação prática e organizativa, e em suas concepções políticas, teológicas, filosóficas, simbólicas, educacionais, doutrinárias, cerimoniais e ritualísticas. Nesse sentido, podemos afirmar que nenhuma denominação, liderança religiosa, formas de espiritualidade, princípio ético, concepção moral, doutrina, corrente teológica e ou modelo administrativo representam na totalidade o campo evangélico.

No bojo da atual conjuntura brasileira em que se desenrola um processo de ascensão dos evangélicos conservadores, ganha força também a parcela de evangélicos que se identifica com a esquerda política e que se contrapõe a essa perspectiva que associa evangélicos ao conservadorismo. São os chamados evangélicos de

13 Introdução a *Crítica à Filosofia do Direito de Hegel*, de Karl Marx (1844).

esquerda, também denominados de evangélicos progressistas. De acordo com Gustavo de Alencar, este segmento evangélico entende que,

a fé cristã deve oferecer respostas para questões sociais como desigualdade, violência urbana, pobreza, desemprego, corrupção, analfabetismo, mortalidade infantil, entre outros, e ter como missão a concretização do Reino de Deus entendido como uma realidade de paz e justiça para todos – temas econômicos, políticos e sociais. (2019, p. 176)

Para Christina Vital da Cunha, os evangélicos do campo progressista se caracterizam “pela defesa de minorias e pela postura crítica quanto aos comportamentos extremistas e conservadores no espaço público, sobretudo na política” (2017, p. 121).

A frase que compõe o título desse artigo, “Nem todo evangélico é conservador”, é de autoria do Pastor Henrique Vieira¹⁴ (2017), e foi pronunciada em sua coluna (em formato audiovisual) no Mídia Ninja, uma plataforma internacional de jornalismo de esquerda. Essa frase tem por objetivo evidenciar que a experiência evangélica é caracterizada pela pluralidade e, nesse sentido, concluir que todo evangélico é conservador ou de direita seria um equívoco. Por esse motivo, Henrique Vieira inicia o vídeo com a frase “não generalize os evangélicos” e, ao longo de sua reflexão, pontua que existem evangélicos que, a partir de sua experiência de fé, lutam por uma sociedade mais justa. Em um evento internacional realizado em São Paulo, Henrique Vieira teria explicitado essa mesma ideia de uma forma um pouco mais enfática: “se cairmos na ladainha de que todo evangélico é conservador, entregamos de bandeja o futuro do nosso país nas mãos dos coronéis da fé. Se Malafaia é evangélico, Martin Luther King também era”¹⁵. No contexto dessa afirmação, Henrique Vieira evoca duas figuras públicas que em sua concepção pertenceriam ao campo evangélico, mas estariam em polos diametralmente opostos do ponto de vista político e teológico. O pastor assembleiano Silas Malafaia se aproximou

14 Henrique Vieira é militante dos direitos humanos, foi vereador da cidade de Niterói pelo PSOL (2013-2016), pastoreia a Igreja Batista do Caminho, integra o coletivo *Esperançar*, se formou em ciências sociais, história e teologia. Além disso, é palhaço e ator, atuou no longa-metragem *Marighella, o filme* (2019), dirigido por Wagner Moura. Publicou o livro *O Amor como Revolução* (2019) e atuou no monólogo homônimo de própria autoria, dirigido por Rodrigo França. Em 2019, participou da gravação do álbum *AmarElo*, do rapper Emicida e fez uma participação em uma apresentação do artista no Festival de música LollaPalooza, em 2022. Publicou em coautoria com Marcelo Barros o livro *O monge e o pastor* (2020). Em 2020, desfilou na Sapucaí pela escola de samba Estação primeira de Mangueira. Lançou, recentemente, o livro *Jesus da Gente* (2022). Foi eleito deputado federal pelo PSOL no pleito de 2022 e participou do movimento *Derrubar Bolsonaro é um ato de amor*.

15 A Disputa Política do Movimento Evangélico. Vídeo Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=m6XVzQwmKLU&t=2s>>.

da extrema direita bolsonarista, o pastor batista Martin Luther King Jr, por sua vez, se envolveu ativamente com os movimentos de luta pelos direitos civis para a comunidade negra nos Estados Unidos da América nas décadas de 1950 e 1960.

OS EVANGÉLICOS DE ESQUERDA

Como foi assinalado anteriormente, existe uma contracorrente bastante diversa de evangélicos que não se identificam com as pautas conservadoras e que defendem uma agenda mais "progressista", como a laicização do Estado, o Estado democrático de direito, a legalização do aborto, a descriminalização e legalização das drogas, a desmilitarização das polícias, a ampliação de políticas assistenciais, o aumento dos direitos trabalhistas, a diminuição da população carcerária, as cotas raciais em universidades e concursos públicos, a defesa de leis de proteção da comunidade LGBTQIA+, a implementação da disciplina de educação sexual nas escolas, entre outras¹⁶.

Os evangélicos mais à esquerda nos últimos anos criaram uma pluralidade de organizações, coletivos e movimentos, como a Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito (FEED), Rede de Mulheres Negras Evangélicas, Evangélicxs Pela Diversidade, Bancada Evangélica Popular, Movimento Negro Evangélico (MNE), Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG), Evangélicos pela Democracia, Evangélicos contra Bolsonaro, Ativismo Protestante, Seguidores do Caminho, Esperançar, Revista Zelota, Adventistas de Esquerda, Coletivo Abrigo, Novas Narrativas Evangélicas entre muitos outros. Há também os movimentos que apesar de não serem evangélicos contam com uma ampla participação de evangélicos de esquerda como o Cristãos Contra o Fascismo e a campanha Derrotar Bolsonaro é um Ato de Amor.

Existem alguns agentes que tem se destacado em sua atuação política e religiosa, como o pastor Ariovaldo Ramos, pastor Zé Barbosa, Fillipe dos Anjos, pastora Viviane Costa, pastora Mônica Francisco, Valéria Cristina Vilhena, Wesley Teixeira, pastor Marco Davi de Oliveira, reverenda Ana Ester, Pastor Rás André, Jackson Augusto (afrocrente), Magali Cunha, reverenda Alexya Salvador, pastor Tiago Santos, pastor Júlio Oliveira, Nilza Valéria Zacarias, pastora Fabiola Oliveira, pastor Henrique Vieira entre outros/as. Esse último é o que mais tem projeção para um público mais amplo¹⁷.

16 Isso não significa que todos os evangélicos de esquerda ou progressistas defendem integralmente as pautas mencionadas.

17 Até o momento sua fanpage no Facebook possui mais de 254 mil curtidas, mais de 148 mil seguidores no Twitter e mais de 617 mil seguidores em sua conta no Instagram. Informações coletadas em 13/04/2023, às 18h35min.

Todos os agentes individuais e coletivos acima mencionados pautam as questões de gênero, raciais, climáticas, educacionais, orientação sexual, laicização do Estado, direitos humanos, pautas que estão historicamente ligadas ao espectro político de esquerda. Faz parte também da atuação destes a luta em torno da identidade evangélica no interior do campo da esquerda política, se posicionar contra os evangélicos compreendidos como “fundamentalistas”, e produzir um embasamento teológico dos seus posicionamentos políticos.

O pastor da Comunidade Cristã Reformada de São Paulo e fundador da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito Ariovaldo Ramos defende a separação entre Estado e religião, critica o capitalismo, se posiciona contra a atual política de combate as drogas, é a favor da manutenção e aumento dos direitos trabalhistas, das cotas raciais, da liberdade religiosa, compreende que o aborto é um problema de saúde pública, coloca-se favorável às pautas LGBTQIA+ e feministas. Em entrevista a Bruno Hoffman do site *Vice* em 2017, Ariovaldo Ramos afirma que suas posições políticas são inspiradas na Bíblia.

É justamente a Bíblia que me leva a tomar partido de ações libertadoras. É a Bíblia que me leva a reconhecer que a dignidade do ser humano é um fator imperativo em qualquer decisão. É a Bíblia que me leva a reconhecer a igualdade de gênero e dos direitos civis. Tudo o que se tem na era moderna, no que diz respeito aos direitos adquiridos, vem do movimento cristão. (VICE, 2017)

Em um debate promovido pela FEED e o MNE, na sede do Sindicato dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro¹⁸, o pastor Ariovaldo Ramos teceu críticas ao cristianismo (católico e protestante), alegando que a escravidão dos últimos séculos é um “pecado cristão”, pois o cristianismo teria se desviado de seus princípios fundamentais, que é a defesa da liberdade e a luta contra a opressão, pois, segundo Ariovaldo, padres e pastores, durante séculos, justificaram teologicamente a escravidão.

Nesse mesmo debate, o historiador João Marcos Bigon, que na ocasião era coordenador estadual do Movimento Negro Evangélico do Rio de Janeiro, afirmou que os evangélicos têm capacidade de produzir uma ruptura com a ordem vigente. “A gente não vai fazer uma revolução russa ao modo dos russos, a gente não vai fazer uma revolução francesa no Brasil, não, vai ser outra coisa, não sei o que vai

18 Uma parte desse debate encontra-se disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1vlBjQZB9HE>>. Acesso em: 20/12/2019, às 13h, 25min.

acontecer, eu tenho fé que a igreja evangélica tem potencialidade pra fazer essa revolução” (2019).

A pastora Mônica Francisco¹⁹ que na ocasião era deputada estadual, nesse mesmo evento, condenou a intolerância religiosa e defendeu o diálogo inter-religioso. Afirmou que, enquanto evangélicos, “nós sabemos exatamente aquilo que nós cremos, e nós devemos defender aquilo que nós cremos, mas, defender o que nós cremos, não pode ser de maneira nenhuma destruir radicalmente o que os outros creem, nós não fomos chamados pra isso”²⁰. Nesse mesmo discurso, defendeu um retorno “às bases”, ou seja, uma atuação dos evangélicos progressistas entre os mais desfavorecidos da sociedade, pois as denominações evangélicas conservadoras atuaram nas “bases” durante décadas. Para Mônica Francisco, isso explica, em parte, a vitória de Jair Bolsonaro no pleito eleitoral de 2018, que mesmo sendo uma figura que atua politicamente no sentido oposto aos interesses dos desfavorecidos, ganhou o voto e a confiança destes, e isso só foi possível graças à influência exercida pelas diversas igrejas evangélicas entre os mais pobres.

Valéria Cristina Vilhena, em artigo publicado no site Mulheres EIG, faz uma interessante análise sobre a atuação da Frente Parlamentar Evangélica (Bancada Evangélica) e o avanço dos retrocessos que estes têm protagonizado, e afirma que os evangélicos não são homogêneos, existe uma minoria dentro desse segmento religioso que luta por outras pautas, os progressistas. Encerra seu texto afirmado que é preciso:

Subverter, invadir as ruas, fazer greves e falar e ouvir as Acácias; defender os Amarildos; as Claudias mortas e arrastadas pelas ruas por PMs, companheiros e ex namorados; lutar contra a injustiça feita aos Rafaelis, proteger as Dandaras, os moradores da Cracolândia, combater a xenofobia, a homofobia, o patriarcado, a desigualdade social... subverter bancadas, púlpitos e muros... criar pontes, reviver utopias... refazer memória, reestruturar Antares... (VILHENA, 2017)

Nos últimos tempos, o pastor Henrique Vieira tem participado assiduamente de debates em universidades, sindicatos, igrejas, comícios e entrevistas em programas de rádio, televisão, podcasts, canais de Youtube etc. A presença em

19 Mônica Francisco, mulher negra, favelada, nascida e criada no Morro do Borel, formada em ciências sociais pela UERJ, feminista e comunicadora popular, já foi assessora da vereadora Marielle Franco (PSOL). Foi deputada estadual no Rio de Janeiro pelo PSOL entre 2019 e 2022.

20 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1vlBjQZB9HE&t=2192s>>. Acesso em: 20/12/2019, às 13h, 25min.

alguns programas televisivos de maior audiência e circulação pela internet foram fundamentais para lhe dar visibilidade, como Saia Justa, Encontro com Fátima Bernardes, Amor & Sexo, Conversa com Bial, Espelho, entre outros.

Nos inúmeros debates, entrevistas e textos publicados, Henrique Vieira se posicionou contra as leituras rígidas e descontextualizadas da Bíblia. Afirma que “o fundamentalismo religioso cristão trabalha com o conceito de verdade absoluta, inquestionável, eterna, imutável e para além da história. Essa verdade a respeito de Deus se expressa na Bíblia Sagrada” (2018, p. 95); e, “portanto, acaba alimentando a intolerância”, o que “dificulta o pleno convívio entre as diferenças” (*Op. cit.*, p. 96). Defende a perspectiva do “amor” como um ato político capaz de mudar a sociedade, tornando-a mais justa e igualitária.

O “amor” a que se refere o pastor seria aquele que se traduz em ações práticas, não o “amor” romântico, privatizado e individual, mas uma postura crítica diante do mundo com potencial de neutralizar o ódio. Nas suas palavras, “o amor aqui não tem nada a ver com romance, não tem nada a ver com afeição momentânea e sentimental entre duas pessoas, não é isso, o amor aqui é uma profunda consciência política, de empatia, de solidariedade, de uma alternativa civilizatória” (BRASIL DE FATO, 2019). Em seu livro *o Amor como Revolução* Henrique Vieira afirma que “a luta por terras é um verdadeiro ato de amor! Sim, pois é o amor que clama por justiça, por igualdade e vida plena para todas as pessoas” (VIEIRA, 2019, p. 45).

Sua concepção de Amor é uma resposta ao “ódio como política” e ao conservadorismo hiperbólico de alguns setores religiosos e políticos no Brasil atual. No programa Amor & Sexo, da TV Globo, o pastor Henrique Vieira declamou a *Oração da Felicidade*. Seu conteúdo traz um apelo à solução para as demandas sociais, faz um contraponto à política de ódio e ao ódio como política, e também procura se diferenciar do ponto de vista ético dos evangélicos conservadores:

Que todas as crenças religiosas sejam respeitadas e até mesmo a não crença religiosa

Que possamos comungar na crença da humanidade, da diversidade, do bem comum

Que seja declarada justa toda forma de amor

Que nenhuma mulher seja alvo do machismo estrutural

Que a juventude negra não seja alvo do extermínio

Que Marias Eduardas não sejam assassinadas dentro da escola

Que Marquinhos da Maré não sejam assassinados indo pra escola

Que Marielles possam chegar em segurança em suas casas

Que todo agricultor tenha uma terra para plantar
 Que todo sem teto tenha uma casa para morar
 Que os indígenas sejam respeitados nas suas crenças
 Que as fronteiras acabem e as armas caiam no chão
 Que a felicidade venha sobre nós, respeitando toda dor e consolando toda lágrima
 Felicidade de verdade só é possível sob a benção da comunhão.
 Amém, axé e o que de mais universal existe: amor²¹. (GLOBOPLAY, 04/12/2018)

De acordo com Christina Vital da Cunha “uma narrativa amorificada que explorava sentimentos de esperança, utópicos, tornava-se proeminente em diferentes grupos sociais de esquerda e centro esquerda, religiosos ou não” (2021, p. 08) essa narrativa se contrapunha a uma “retórica da perda e do ódio”. O pastor Henrique Vieira foi um dos principais articuladores intelectuais dessa “narrativa amorificada”, fornecendo uma base argumentativa que vem sendo replicado por inúmeros agentes sociais. O próprio Henrique Vieira é o porta-voz da campanha Derrotar Bolsonaro é um Ato de Amor, lançado em abril de 2022, pelo Coletivo Esperançar.



Figura 1. Cartaz da campanha Derrotar Bolsonaro é um ato de amor.

No decorrer dessa pesquisa verificou-se que alguns agentes individuais e coletivos guardam uma afinidade com o socialismo. O pastor Fábio Bezerril Cardoso da Comunidade Cristã Palavra e Vida (CCPV), em uma entrevista ao site Ativismo

21 Disponível no Globoplay: <<https://globoplay.globo.com/v/7209531/>>. Acesso em: 08/01/2020, às 17h00min. Também pode ser encontrado em: VIEIRA, Henrique. O Amor como Revolução. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019, p. 09.

Protestante em 2018, afirmou: “eu sou comunista, porque Jesus era comunista”. No manifesto do Ativismo Protestante, divulgado em seu site e nas redes sociais, afirma que, “para ser socialista, não é preciso ler Marx, basta ler a Bíblia”. O pastor Zé Barboza Junior, filiado ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e colunista da Revista Fórum, em entrevista a Anna Virginia Balloussier da Folha de São Paulo, em 2021, afirma que a Bíblia é um livro mais “vermelho” que o Manifesto do Partido Comunista de Engels e Marx e que o Pai-Nosso é uma oração socialista, no sentido de existir uma afinidade substancial entre cristianismo e socialismo. Os teólogos Bruno Reikdal e André Castro, ambos editores e colaboradores da Revista Zelota²² e organizadores do primeiro encontro de Cristãos pelo Socialismo no Brasil, são assumidamente evangélicos e marxistas.



Figura 2. Cartaz de divulgação do primeiro encontro Cristãos pelo Socialismo no Brasil. Ver em: <<https://www.naoheresia.com.br/post/encontro-cristaos-e-o-socialismo>>.

Uma das organizações que mais teve destaque nos últimos anos no protestantismo de esquerda é a Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito (FEED), fundada em 2016. A organização surgiu com o objetivo de aglutinar evangélicos que eram contra o impeachment de Dilma Rousseff, que consideravam um processo ilegal que estava fragilizando constitucionalmente o Estado democrático de direito. A Frente obteve um rápido crescimento e fundou núcleos em diversos estados do Brasil. Esta organização promove debates, rodas de conversa, participa de atos

²² Periódico de orientação adventista sem vínculo administrativos-pastorais com a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). Ver em: <<https://revistazelota.com/>>.

públicos, como manifestações de rua, e atua nas redes sociais. A FEED mobiliza uma série de argumentos teológicos para defender suas posições políticas, por exemplo: “como cristãos, rejeitamos e denunciemos com veemência a corrupção, a iniquidade, a impunidade e o ataque ao Estado Democrático de Direito”²³. Uma das frases mais empregada pela FEED, utilizada em camisetas, faixas nas manifestações de rua e redes sociais é: “nosso luto vem do verbo lutar”. Isso demonstra que religião e política estão imbricadas, essa relação informa a orientação político-teológica da Organização.

Para Gustavo de Alencar, a FEED não tem como foco “a evangelização e conversão de pessoas que não são cristãs” (2019, p. 183), sua preocupação maior está “na discussão daquilo que o evangélico, uma vez que adere à fé cristã, deve fazer para cumprir seu propósito e missão enquanto religioso” (2019, p. 183). De acordo com Gabrielle Herculano Silva (2021), apesar da FEED mobilizar a identidade evangélica, é uma organização política e não uma igreja. Outro elemento característico da FEED é o fato de proporcionar um espaço para aqueles evangélicos que fazem parte de denominações conservadoras, mas que se identificam politicamente com a esquerda. Dessa forma, reforça o compromisso destes “tanto com a religião quanto com sua militância política” (DE ALENCAR, 2019, p. 184). A FEED, assim como a maior parte de seus integrantes, adota em suas “pregações e discursos princípios da chamada Teologia da Missão Integral”²⁴ (*Op. cit.*, p. 178).

O coletivo Seguidores do Caminho é um pequeno grupo que se inspira na teologia da missão integral com atuação principalmente nas redes sociais (Facebook e Instagram), produz conteúdos (vídeos, imagens, textos) e promovem debates com temas que articulam teologia e política. Algumas pessoas do meio evangélico à esquerda já participaram desses encontros virtuais promovidos pelo grupo, como o pastor Ariovaldo Ramos, a pastora Viviane Costa, Jackson Augusto (Afrocrente), Walter Pinheiro entre outros. De acordo com articuladores do coletivo

23 Essa citação encontra-se no formulário de adesão. Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/1_cX_NWSpA4dd_icoBi3_iBl2JhAWFshOOeckJr_IA/viewform?fbclid=IwARoxrwh-USQeLpTZGCypxpan8Ak23nXvlP7UvzEgsOe6xvOM3SgKzQpSXQ4&edit_requested=true>. Acesso em: 21/12/2019, às 15h, 20min.

24 A Teologia da Missão Integral (TMI) foi desenvolvida por teólogos protestantes latino-americanos e tem como marco histórico o Congresso Internacional de Evangelização Mundial, que ocorreu em Lausanne, na Suíça, em 1974, conhecida como Pacto de Lausanne. Essa corrente teológica caracteriza-se por compreender que os seres humanos são constituídos pela dimensão social e espiritual, e que a igreja deve contemplar essas duas dimensões, articulando crença e responsabilidade social. “Em síntese: a TMI é uma teologia com raízes latino-americanas que compreende a missão da igreja como a conjugação da verbalização do evangelho + a ação social da igreja frente aos efeitos da “questão social” (pobreza, desemprego, falta de acesso à saúde, educação, etc.)” (CHAVES, 2021, p. 04). Figuram entre as referências teóricas dessa corrente Samuel Escobar, René Padilla, Orlando Costas e outros.

(em entrevista para essa pesquisa) o objetivo central é dialogar com evangélicos que se decepcionaram com a igreja e com os rumos que ela tomou nos últimos anos. Já os debates especificamente teriam por objetivo valorizar a diversidade da experiência cristã, em detrimento do “fundamentalismo religioso”.

Entre os evangélicos de esquerda, há os agentes que se articulam em torno da questão étnico-racial e que estão engajados na luta antirracista. A denominação batista Nossa Igreja Brasileira, liderada pelo pastor Marco Davi Oliveira e pela jornalista Nilza Valeira Zacarias, busca afirmar de forma positiva a negritude e africanidade do cristianismo. A cultura brasileira de matriz africana e indígena está presente na liturgia, no cancionário e nas reflexões teológicas. De acordo com Rosenilton Oliveira (2021), a igreja produz um movimento de “deseuropeização” do cristianismo. Em um dos cultos do qual participei, pastor Marco Davi Oliveira afirmou que a denominação tem uma “proposta decolonial”. A dinâmica de atuação da Nossa Igreja Brasileira tem o objetivo de fortalecer a ideia de uma igreja que é pautada na experiência negra e, nesse sentido, pertenceria ao movimento negro e ao movimento negro evangélico.

A atuação de evangélicos mais à esquerda é de longa data, basta lembrar a realização da *Conferência do Nordeste: Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*, em 1962, na cidade de Recife, em Pernambuco. Esse evento foi realizado pelo Setor de Responsabilidade Social da Confederação Evangélica do Brasil (CEB). Embora o evento não fosse constituído apenas por evangélicos progressistas, mas também por conservadores, Arthur Victor Gonçalves Gomes de Barros (2013) sugere que o contexto, em geral, imprimiu um caráter progressista à Conferência. Nos anais do evento, defendia-se a reforma agrária como uma estratégia para diminuir as desigualdades sociais, melhorar a vida do camponês e salvar a economia nacional (GOMES DE BARROS, 2013). Essa conferência foi a quarta e última, pois em 1964 iniciou-se no Brasil um estado de exceção. O então reverendo presbiteriano Rubem Alves participou dessa conferência, alguns anos mais tarde, em 1969, o mesmo defendeu sua tese de doutorado no Seminário Teológico de Princeton (EUA), intitulada *Por uma Teologia da Libertação*. De acordo com o teólogo André Castro (2022), esse escrito de Rubem Alves teria sido o primeiro a fornecer uma reflexão sistemática sobre a teologia da libertação²⁵.

25 De acordo com André Castro, existem três grandes escolas dentro da teologia da libertação: a escola protestante, a escola católica e a escola ecumênica. O autor afirma que houve um processo de apagamento das contribuições protestantes a esta corrente de pensamento teológico, dado o fato, entre outros, de que a escola católica se tornou hegemônica. Ver em: CASTRO, André. *Teologia da Libertação Protestante*. São Paulo: Recriar, 2022.

Zózimo Trabuco (2015), em sua tese de doutorado *À direita de Deus, à esquerda do povo: Protestantismos, esquerdas e minorias em tempos de ditadura e democracia (1974-1994)*, traz uma interessante pesquisa sobre a relação entre setores do protestantismo –principalmente ecumênicos e de missão integral – com a esquerda política na atuação contra a ditadura empresarial-militar (1964-1985), na participação das greves do ABC paulista (1978-1980), nas campanhas das *Diretas Já* (1983-1984), no processo de abertura democrática e nas eleições presidenciais de 1989 e 1994. Os protestantes de esquerda atuavam em diferentes partidos políticos e grupos de minorias sociais (negros, feministas, diversidade sexual e de gênero).

Também vale apenas mencionar a pesquisa realizada pelo teólogo e militante protestante Francisco Hernani da Silva (2011), que empreende esforços para resgatar a memória de personalidades e experiências coletivas do protestantismo negro. O teólogo argumenta que o movimento negro evangélico teria se iniciado no Brasil com Agostinho José Pereira²⁶, por volta de 1841, quando fundou a Igreja do Divino Mestre, na cidade de Recife, em Pernambuco. Esse pastor enfatizava em suas pregações passagens bíblicas que condenavam a escravidão e exaltavam a liberdade. Mencionava com frequência a revolução haitiana do final do século XVIII (Revolução de São Domingos), desafiava a imposição da Igreja Católica e alfabetizava os membros de sua igreja, majoritariamente negros. A pesquisa também resgata as figuras de Mãe Maria (“a Jovem Maria da nação Nagô”), João Candido (“o marinheiro negro”), Solano Trindade (“o poeta negro”), João Pedro Teixeira (“da Liga Camponesa de Sapé”)²⁷, como referências do protestantismo contestador da ordem vigente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do artigo, procurei enfatizar que, apesar da hegemonia de ideias que reduzem o campo evangélico ao conservadorismo político e teológico, esse segmento religioso é plural. Não há, portanto, apenas um modo de experimentar e viver essa fé. A presença de agentes individuais e coletivos do protestantismo ligados ao espectro da esquerda política desmonta essas visões essencialistas.

A atuação dos evangélicos de esquerda, na atualidade, se configura a partir de uma relação entre religião e política que se estabeleceu nos últimos anos em função da aproximação de setores expressivos do protestantismo brasileiro ao conservadorismo, ao liberalismo econômico e um maior envolvimento com a

26 Agostinho José Pereira era conhecido como Lutero Negro ou Divino Mestre pelos seus seguidores.

27 As palavras entre parêntesis são de autoria de Francisco Hernani da Silva, 2011.

política institucional, trazendo novo fôlego ao conservadorismo e ao espectro da direita política. Nessa dinâmica, os evangélicos de esquerda criaram uma pluralidade de organizações e movimentos e se articularam entre si dentro de uma rede complexa com intercâmbio de informações, ideias, valores e formação de parcerias para ações conjuntas.

Os evangélicos de esquerda são diversos entre si, agregam diferenças políticas, teológicas e organizativas. Porém, percebeu-se que, apesar da pluralidade do protestantismo de esquerda, eles atuam no sentido de afirmar a identidade evangélica para além do conservadorismo político e teológico, atribuindo outros sentidos a essa identidade. Essa disputa em torno da questão da identidade não é voltada apenas para o interior do campo evangélico, mas também para o espectro da esquerda política. Por isso, a expressão “nem todo evangélico é conservador” é sintomática do contexto político religioso do Brasil atual.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo (2020). “Players evangélicos na crise brasileira (2013-2018)”. In: GUADALUPE, José Luis Pérez; CARRANZA, Brenda (orgs). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, p. 217- 236.
- A TARDE (2014). Pastor diz que não quer ser candidato só dos evangélicos. Disponível em: <<https://atarde.com.br/politica/pastor-diz-que-nao-quer-ser-candidato-so-dos-evangelicos-621497>>.
- ATIVISMO PROTESTANTE (2017). Manifesto/Ativismo protestante - O séquito progressista de Jesus Cristo. Disponível em: <https://ativismoprotestante.wordpress.com/2017/08/27/manifesto-ativismo-protestante/?fbclid=IwAR3ca_fDhnlJTFOFUh41ks9GNVxUp7SMh_FcSkjDIinyfbG7ncgsBjlnYU>.
- ATIVISMO PROTESTANTE (2018). Fábio Bezerril Cardoso: Jesus era comunista, todo cristão deveria ser também – Entrevista com Fábio Bezerril Cardoso. Disponível em: <<https://ativismoprotestante.wordpress.com/2018/11/16/fabio-bezerril-cardoso-jesus-era-comunista-todo-cristao-deveria-ser-tambem/>>.
- BALLOUSSIER, Anna Virginia (2021). “Pai Nosso é oração socialista”, diz pastor que dá curso sobre Cristo de esquerda – entrevista com Zé Barboza Junior. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/01/pai-nosso-e-oracao-socialista-diz-pastor-que-da-curso-sobre-cristo-de-esquerda.shtml>>.
- BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim (2010). *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar.

- BERGER, Peter (1989). *Perspectivas Sociológicas: Uma Visão humanística*. Petrópolis: Vozes.
- BOURDIEU, Pierre (2013). Capital simbólico e classes sociais. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 96, p. 105–115. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-33002013000200008>>.
- BRASIL DE FATO (2019). O amor como instrumento político revolucionário – entrevista com o pastor Henrique Vieira. Disponível em: <<https://www.brasildefatores.com.br/2019/06/19/o-amor-como-instrumento-politico-revolucionario>>.
- CARRANZA, Brenda (2022). Cristofobia. *Religião e Poder*. Disponível em: <<https://religioepoder.org.br/artigo/cristofobia/>>.
- CASTRO, André (2022). *Uma breve história da Teologia da Libertação Protestante e suas implicações teológicas*. São Paulo: Recriar.
- CHAVES, Kelly Barreto Videira (2021). A teologia da missão integral e os debates latino-americanos sobre o conceito de missão. *Pesquisa & educação a Distância*, nº 8, p. 01-13. Disponível em: <<http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=2013EAD1&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=9288>>.
- CORRÊA, Sonia (2022). “Para começo de conversa”. *Termos ambíguos do debate político atual: pequeno dicionário que você não sabia que existia*. In: CORRÊA, Sonia (Org). Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids – ABIA, p. 06-09. Disponível em: <<https://sxpolitics.org/pequenodicionario/uploads/Pequeno%20Dicion%C3%A1rio.pdf>>.
- CUNHA, Magali do Nascimento (2017). Política, mídia e religião: o ativismo progressista entre evangélicos brasileiros por meio do Facebook e do Twitter. In: *Comunicação & Sociedade*, vol. 39, nº 3, p. 217-244.
- DATAFOLHA (2016). Perfil e opinião dos evangélicos no Brasil. Disponível em: <<https://abrir.link/ytSai>>.
- DATAFOLHA (2018). Eleições 2018 – Intenção de Voto para presidente da república – 2º turno – 25/10. Disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2018/10/26/3416374d208f7def05d1476d05ede73e.pdf>>.
- DATAFOLHA (2022). Eleições 2022. Disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2022/06/29/rxe83287gruoeligiao-jun-22.pdf>>.
- DE ALENCAR, Gustavo (2019). Grupos protestantes e engajamento social: uma análise dos discursos e ações de coletivos evangélicos progressistas. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 39(3), p. 173-196. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0100-85872019v39n3cap08>>.
- ENGELS, Friedrich (2010). “As Guerras camponesas na Alemanha”. A revolução antes da revolução. São Paulo: Expressão Popular, p. 35-159.

- FACHIN, Patricia (2019). Apoio evangélico a Bolsonaro é marcado por uma grande volatilidade. Entrevista especial com Christina Vital da Cunha. *Instituto Humanitas Unisinos*. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/592934-apoio-evangelico-a-bolsonaro-e-marcado-por-uma-grande-volatilidade-entrevista-especial-com-christina-vital-da-cunha>>.
- FOLHA UNIVERSAL (2022). 5 motivos que mostram que é impossível ser cristão e ser de esquerda. Disponível em: <<https://www.universal.org/noticias/post/5-motivos-que-mostram-que-e-impossivel-ser-cristao-e-ser-de-esquerda/>>.
- G1 (2020). 50% dos brasileiros são católicos, 31% evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>>.
- GLOBOPLAY (2018). Pastor Henrique Vieira declama uma oração pela felicidade – 04/12/2018. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7209531/>>.
- GOMES DE BARROS, Arthur Victor Gonçalves (2013). Conferência do nordeste: os estudos da fronteira econômica e a revolução social. Pernambuco, 1962. *XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal. Disponível em: <<https://abrir.link/AxKRk>>.
- GOSPEL + (2016). Jair Bolsonaro é batizado no Rio Jordão em Israel durante votação do *impeachment*. Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/bolsonaro-batizado-israel-durante-votacao-impeachment-82706.html>>.
- GOSPEL Prime (2016). Jair Bolsonaro é batizado por pastor no rio Jordão. Disponível em: <<https://www.gospelprime.com.br/jair-bolsonaro-batizado-rio-jordao/>>.
- GUIAME (2016). Jair Bolsonaro confessa Jesus Cristo e se batiza no rio Jordão, assista. Disponível em: <<https://guiame.com.br/gospel/videos/jair-bolsonaro-confessa-jesus-cristo-e-se-batiza-no-rio-jordao-assista.html>>.
- HERCULANO SILVA, Gabriele (2021). Nosso luto vem do verbo lutar: uma análise do ativismo progressista evangélico através da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS-UFF), Niterói.
- HOFFMAN, Bruno (2017). O pastor progressista – entrevista com Ariovaldo Ramos. Vice. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/gv387w/o-pastor-progressista>>.
- IBGE (2012). Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>.
- KOSIK, Karel (1976). *Dialética do Concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- LÖWY, Michael (2011). Sobre o Conceito de “Afinidade Eletiva” em Max Weber. In: *Plural. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*. São Paulo, vol. 17.2, p. 129-142. Disponível: <<http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/74543/78152>>.
- LÖWY, Michael (2016). *O que é Cristianismo da Libertação? Religião e política na América Latina*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Expressão Popular.
- MARIANO, Ricardo (2014). *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2014.
- MARIANO, Ricardo; GERARD, Dirceu André (2020). “Apoio evangélico a Bolsonaro: antipetismo e sacralização da direita”. In: GUADALUPE, José Luis Pérez; CARRANZA, Brenda (orgs). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, p. 329-350.
- MOVIMENTO Negro Evangélico Rio de Janeiro (2019). A Negritude da Fé Evangélica. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ivlBjQZB9HE>>.
- OLIVEIRA, Rosenilton da Silva (2021). “Hoje eu orei, Ele é negro”: a gênese do movimento negro evangélico no Brasil. *Religião & Sociedade*. 41(3), p. 169–192. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0100-85872021v41n3cap07>>.
- RELIGIÃO E PODER (2020). Depois de alta, número de eleitos com nomes religiosos nas urnas cai 14% em 2020. Disponível em: <<https://religioepoder.org.br/reportagem/depois-de-alta-numero-de-eleitos-com-nomes-religiosos-nas-urnas-cai-14-em-2020/>>.
- RELIGIÃO E PODER (2020). Frentes e Bancadas. Disponível em: <<https://religioepoder.org.br/analise/frentes-e-bancadas/>>.
- RIBEIRO, Wallace Cabral (2021). *Religião e Revolução: a sociologia da religião de Friedrich Engels*. Porto Alegre: Editora Fi. Disponível em: <<https://doi.org/10.22350/9786559173563>>.
- ROLIM, Francisco Cartaxo (1987). *O que é Pentecostalismo*. São Paulo: Brasiliense.
- SCHÄFER, Heinrich Wilhelm; SEIBERT, Leif-Hagen; SIMONCIC (2020). *Religión, identidad y movilización en contexto de crisis - Herramientas para comprender la praxis religiosa*. Repensar las Américas - Rethinking the Americas. Vol 1. Bielefeld: kipu-Verlag. Disponível em: <<https://doi.org/10.4119/unibi/2948999>>.
- SILVA, Elizete da (2007). “Engels e a abordagem científica da religião”. In: MOURA, Mauro Castelo Branco de et al (orgs.). *Friedrich Engels e a ciência contemporânea*. Salvador: EDUFBA, pp. 171-188.
- SILVA, Hernani Francisco de. *O movimento negro evangélico: um mover do Espírito Santo*. São Paulo: Selo da Negritude Cristão, 2011.
- TRABUCO, Zózimo (2015). À direita de Deus, à esquerda do povo: Protestantismos, esquerdas e minorias em tempos de ditadura e democracia (1974-1994). Tese

- de doutorado, Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS-UFRJ). Rio de Janeiro. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2832051>.
- VIEIRA, Henrique (2017). Nem todo Evangélico é Conservador. Mídia Ninja. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Nn7ZPUKn3mI&spfreload=10>>.
- VIEIRA, Henrique (2018). “Fundamentalismo e extremismo não esgotam experiência do sagrado nas religiões”. In: GALLEGO, Ester Solano (org). *O Ódio como Política*. São Paulo: Boitempo, pp. 94-100.
- VIEIRA, Henrique (2019). *O Amor como Revolução*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- VILHENA, Valéria Cristina (2017). Dogmas e Direitos: dialogando entre religiões. Mulheres EIG. Disponível em: <<https://mulhereseig.wordpress.com/2017/06/13/dogmas-e-direitos-dialogando-entre-religoes/>>.
- VITAL DA CUNHA, Christina (2015). *Oração de Traficante: uma Etnografia*. Rio de Janeiro: Garamond, Faperj.
- VITAL DA CUNHA, Christina; LOPES, Paulo Victor Leite; LUI, Janayna (2017). Religião e Política: medos sociais, extremismo religioso e as eleições de 2014. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião: Fundação Heinrich Böll.
- VITAL DA CUNHA, Christina (2020). “Retórica da perda e os Aliados dos Evangélicos na política brasileira”. In: GUADALUPE, José Luis Pérez; CARRANZA, Brenda (orgs). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, p. 237- 256.
- VITAL DA CUNHA, Christina (2021). Irmãos contra o império: evangélicos de esquerda nas eleições 2020 no Brasil. In: *Debates Do NER*, 1(39), p. 13-80. Disponível em: <<https://doi.org/10.22456/1982-8136.116028>>.
- VITAL DA CUNHA, Christina; MOURA, João Luiz (2021). Evangélicos à esquerda no Brasil. *Comunicações do ISER*, vol. 40. Disponível em: <<https://www.iser.org.br/publicacao/comunicacoes/73/>>.
- WEBER, Max (2004). *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Campanha das Letras.